

são bastante variáveis segundo o terreno, ao passo que os botânicos procuram os caracteres mais íntimos e por isso geralmente mais constantes da estrutura floral. Mas, sendo as flôres das seringueiras muito pequenas, a distincção das espécies botânicas se torna por ora quasi impossível para um leigo.

Porém é provável que, por estudos comparativos nos lugares mesmo onde crescem as diferentes espécies de *Hevea*, seja possível estabelecer a concordância entre os caracteres minuciosos das flôres e os caracteres exteriores mais fáceis de verificar pelo leigo. Fazer estes estudos e crear assim bases sólidas para uma classificação methodica e intelligivel para todos, será uma das tarefas da secção botânica do Museu Paraense.

DR. I. HUBER

III

MESOMYS ECAUDATUS

UM ROEDOR ESQUECIDO DURANTE MEIO SECULO

Entre a grande colheita que Johannes von Natterer trouxe do Brazil no principio d'este seculo e que quanto aos mamíferos foi elaborada pelo Prof. Wagner em München, achou-se, além de muitas outras novidades para a ordem dos roedores, uma espécie, representada por um unico exemplar, e este ainda incompleto, que o assiduo monographo dos mamíferos elevou ao grau de um genero novo—*Mesomys*. O exemplar tinha sido obtido pelo explorador austriaco em Borba (Amazonas). Um gavião levava alguma cousa nas suas garras e Natterer, tirando-o, obtinha assim tanto um como outro (27 de Março 1830). Ao ratto já faltava parte da cabeça. Não encontrou mais individuos, mas soube que o nome indígena do ratto é «soüá». Natterer affirmou, que este ratto não possuía cauda e Wagner accentua este facto. Duas descripções foram publicadas pelo ultimo, uma em 1845, outra em 1847, ambas estendendo-se sobre os caracteres exteriores d'este «unicum» e collocando-o no systema zoologico entre os Loncheridae (Rattos de espinho), em posição intermediaria entre os generos Loncheres e Echinomys. A diagnose generica dada era curta e laconica, resumida nas poucas palavras: «habitus Loncherium,

dentes *Echinomyum, spinae validae*». Como synonymo allemão escolheu o nome «Stutzratte», o que vem a ser «ratto truncado». Figuras não publicou.

No meio dos conhecedores dos mammiferos levantou-se alguma controversia acerca d'esta novidade. Os mais circumspectos e prudentes mesmo deixaram entrever as suas duvidas á respeito e estas duvidas referiram-se principalmente á falta da cauda, tão extranha e excepcional mesmo para um representante da familia dos rattos de espinho. Waterhouse por exemplo, na sua bella obra «Natural History of the Mammalia» (London 1848), Vol. II, pag. 331 chegou a attribuir a mencionada ausencia á um qualquer accidente, e Burmeister, por sua vez, acceita tambem esta idéa, attribuindo-a talvez á acção do *Pulex penetrans* («Bicho do pé»). A controversia aliás devia acabar mui naturalmente em virtude da falta de mais amplo material—nunca mais veiu exemplar algum para a Europa, desde aquelle specimen lesado no Museu de Vienna.

Tendo-se aliás encontrado no Paraguay um roedor proximo parente, porém provido de cauda embora não muito comprida—já tinha sido observado e descripto por Rengger com o nome de «*Echimys spinosus*» (1830)—a sciencia conservou o nome generico de *Mesomys*, estabelecido por Wagner para a forma amazonica sem cauda, figurando d'ora em diante o ratto paraguayo na litteratura zoologica com o nome de *Mesomys spinosus*, ao mesmo tempo que ficou entregue a um completo esquecimento o tal problematico *M. ecaudatus*. Durante os ultimos 50 annos ninguem mais fallou d'elle, ao que eu saiba!

Considero um dos resultados zoologicos dos mais interessantes de recente expedição ao Alto Rio Capim (Junho-Julho 1897)—o rio menos conhecido do Estado do Pará—ter redescoberto o *Mesomys ecaudatus* de Natterer e Wagner, legitimo e genuino. Trouxe de lá um exemplar bem conservado, com cujo estudo me occuparei cabalmente em trabalho especial. E' um roedor, que muito tem do aspecto de um preá, mas differe todavia pela aspera roupa espinhenta. E' morador das beiras do rio, muito conhecido pelo povo com o nome trivial de «sauia», é até frequente e ha quem lhe faz a caça para comel-o. Que o «sauia» é sempre destituído de cauda, sabe-o qualquer menino no Rio Capim—ao passo que a sciencia duvidou d'isto durante meio seculo.

Poderá haver uma prova mais palpitante como ainda está deficientemente investigado a historia natural amazonica? Ha por aqui mammiferos, maiores e sobretudo menores, conhe-

cidissimos ao povo indigena e — considerados ainda hoje como problematicas raridaões pelcs scientistas de além-mar; ha peixes, que na propria cidade do Pará se comem em certas epochas em abundancia tal á ponto de excluir quasi qualquer outras especies e — ao mesmo tempo de todo novos para a sciencia zoologica, como proximamente demonstrarei! Exemplo d'esta cathègoria é tambem o que se deu aqui a respeito do *Lepidosiren paradoxa* nos ultimos tempos — facto significativo, do qual os leitores paraense do «Boletim do M. P.» de certo se lembrarão bem.

Agosto 1897.

DR. E. A. GOELDI